

De humanos animais e animais humanos

Gregor Samsa e Pedro Vermelho

Lucas Bastos Gomes

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo:

Os animais são figuras que perpassam alguns dos textos mais célebres da obra de Franz Kafka. Em seus escritos, duas personagens chamam a atenção por estarem em posições diametralmente opostas: são elas Gregor Samsa e Pedro Vermelho. Enquanto Gregor metamorfoseia-se em um “inseto monstruoso”, Pedro Vermelho insere-se no mundo dos homens para escapar de sua condição de cativo. No entanto, nestas duas transformações, os lados humano e animal das personagens não são separados de maneira dicotômica, com Gregor, tornado inseto, preservando sua humanidade, e Pedro, ex-macaco, atingindo no máximo o nível de um “europeu médio”. Com base nisso, analisaremos como o dilema humano-animal se dá em cada um dos casos, observando também como, nestas metamorfoses, a figura animal problematiza a noção de humanidade tanto pelo modo como Gregor, antes provedor, torna-se um estorvo para sua família, quanto pelo brutal e violento processo através do qual Pedro Vermelho abandona sua condição de símio.

Palavras-Chave: Kafka; Gregor Samsa; Pedro Vermelho; humanidade; animalidade.

“Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso”. Com esta frase, ao mesmo tempo simples e poderosa, Franz Kafka dá início a um dos textos mais importantes de toda a literatura. Em *A metamorfose* acompanhamos a desesperadora história de Gregor Samsa, um caixeiro viajante que vê sua vida posta fora dos eixos da noite para o dia após se transformar em um inseto, sem que em momento algum da novela seja apresentada uma explicação para tal acontecimento. Antes o provedor de sua família, se tornará então um problema, e a relação com os pais e a irmã mudará radicalmente. No entanto, a despeito de sua nova forma de inseto, Gregor permanece o mesmo. Através dos diversos monólogos interiores que permeiam a narrativa, percebemos que no interior do animal ainda habita um homem.

Pedro Vermelho, por sua vez, percorre um caminho totalmente distinto. Em “Um relatório para uma academia”, seguimos o relato feito pelo próprio Pedro, outrora um macaco habitante da Costa do Ouro, sobre o processo de sua humanização. Capturado e enjaulado no navio da empresa Hagenbeck, o símio encontra a saída – e não a liberdade, como o mesmo afirma – de seu cárcere através da imitação dos marinheiros da embarcação. A partir de um torturante processo e, posteriormente, com a educação de seus professores, Pedro abandona sua condição de símio. No entanto, ainda existe nele algo de animalesco. Seu hábito de abaixar as calças e exibir a cicatriz que possui no quadril, conseguida no momento de sua captura, depõe contra sua civilidade – e não por acaso se irrita quando o repreendem por isso. Também chama a atenção o relato de Pedro sobre seu convívio com uma chimpanzé fêmea, onde o olhar do animal provoca a aflição no ex-símio.

Neste texto, num primeiro momento, analisaremos como estes seres metamorfoseados de Kafka se situam num limiar onde humanidade e animalidade se misturam. A seguir, a análise se focará no modo como estas figuras animais – do inseto e do macaco – põem em cheque o conceito de humanidade.

Em um dado momento da segunda parte de *A Metamorfose*, Grete Samsa, ao perceber o novo hábito do irmão de andar pelas paredes e teto de seu quarto, decide esvaziar o aposento. Após convencer a mãe, ambas começam a retirar os móveis para facilitar a locomoção de Gregor. Esse, no entanto, não era seu desejo. Pouco adiante, na tentativa de salvar ao menos um de seus pertences, Gregor sai de baixo do canapé onde estava escondido e se ergue sobre a foto de uma mulher que havia colocado na parede. Obviamente, a sua aflição com a atitude da mãe e da irmã não provém de um apego aos móveis em si, mas sim pelo fato de que eles são um registro de seu

passado; este gesto de Gregor visa preservar um mínimo que seja de sua vida pregressa. De fato, esta passagem explicita sua luta para de algum modo preservar sua humanidade.

Em “Uma barata é uma barata é uma barata”, Roberto Schwarz (1981, p. 60) salienta que a nova aparência física de Gregor não é uma questão interior, mas sim um dado material, que aliena qualquer tipo de prática humana. Se é certo que esta alienação pode ser claramente vista em sua família – como veremos mais adiante –, não se pode dizer o mesmo do próprio Gregor, ironicamente o personagem mais humano de toda a novela. Esta situação paradoxal revela o fato de que nesta metamorfose, por trás da carcaça do inseto, ainda existe o antigo ser humano, que luta para ser reconhecido, como tão bem demonstra a cena da retirada dos móveis do quarto.

Tinha realmente vontade de mandar que seu quarto [...] se transformasse numa toca em que pudesse então certamente se arrastar imperturbado em todas as direções, ao preço contudo do esquecimento simultâneo, rápido e total do seu passado humano? [...] Nada deveria ser afastado; tudo deveria permanecer; não podia se privar dos bons influxos dos móveis sobre o seu estado; e se os móveis o impediam de se rastejar em roda sem objetivo, então isso não era um prejuízo, mas sim uma grande vantagem. (Kafka, 1997, p. 50)

Esta passagem demonstra uma espécie de resistência de Gregor contra sua nova condição, contrastando com a espantosa apatia da cena de abertura do livro, em que sua grande preocupação não é a repentina transformação em inseto, mas o atraso para uma viagem de negócios. Segundo Izabel (2018, p. 80), a atitude da mãe e da irmã, ainda que bem intencionada, no fim das contas significa para Gregor o reconhecimento de que seu estado é permanente e imutável, não restando possibilidade de retorno para sua antiga forma nem sua antiga vida. Sobre essa questão, chama a atenção o fato de que Gregor, em determinados momentos da novela, acredita realmente que mesmo com sua nova forma conseguiria levar sua vida normalmente ou retornar em algum momento ao seu estado humano. “Estou num aperto, mas sairei dele trabalhando” (KAFKA, 1997, p. 26), diz o próprio Gregor. A retirada de seus móveis do aposento solapa essa esperança pois simultaneamente priva-o dos objetos que acompanharam sua trajetória de vida, negando-lhe o seu passado, e, por ter como objetivo facilitar seu rastejar pelas paredes e teto do quarto, visa o bem-estar do animal, de certa forma reconhecendo que o Gregor humano jamais retornará. A própria mãe tem consciência do significado do gesto: “Não é como se mostrássemos, retirando os móveis, que renunciamos a qualquer esperança de melhora e o abandonamos à própria sorte, sem nenhuma consideração?” (Kafka, 1997, p. 49). No entanto, mesmo com essa

ressalva da mãe, a família se mostra incapaz de reconhecer o humano que reside por trás do animal. Modesto Carone (2009, p. 21) aponta a incomunicabilidade como um dos temas centrais da novela, onde, nos três capítulos que a compõem, apresenta-se uma mesma situação: as tentativas falhadas de contato entre Gregor e a família. Neste impasse, a humanidade de Gregor permanece ofuscada por sua aparência animal. Se “Gregor está realmente transformado num bicho, mas não deixa nunca de ser Gregor” (Carone, 2009, p. 20), a identidade humana que reside sob o inseto permanece sempre ocultada por essa barreira alienante que é a figura animal.

Se em *A Metamorfose* Gregor torna-se um humano preso no corpo de um inseto, em “Um relatório para uma academia” Pedro Vermelho abandona sua condição de símio para se adentrar no mundo humano. A metamorfose de Gregor, diferentemente da de Pedro, não se dá no âmbito de uma inclusão, mas de uma exclusão. Sua transformação, não se resumindo à questão física, trás à tona a desconexão existente entre Gregor e sua família e a sociedade, e a crise de identidade decorrente dela, podendo mesmo ser lida como uma alegoria desta separação entre eles, onde a figura do inseto traria a percepção de que aquilo que Gregor é e o modo como é percebido pelos outros não apresentam relação alguma. Ainda assim, no “Relatório...” também encontramos um único ser que, a despeito de sua metamorfose, se mostra como a confluência dos mundos humano e animal em um único sujeito. No entanto, diferentemente de *A Metamorfose*, onde logo de início a nova forma de Gregor é apresentada ao leitor, com suas diversas e pequenas patas e o ventre abaulado, chama a atenção o fato de que poucas são as referências ao corpo de Pedro presentes no conto. Nestas raras passagens em seu relato, Pedro fala sobre a cicatriz em seu rosto e da penugem que se amostra quando exhibe a cicatriz no quadril. Ainda que no conto a aparência do metamorfoseado não ganhe tanto destaque quanto em *A Metamorfose*, é interessante pensar este limiar entre humano e animal a partir da relação de Pedro Vermelho com seu corpo. Em *O animal que logo sou* Derrida analisa a questão da nudez e sua relação na distinção entre humanos e animais. O ato de se vestir seria próprio do homem, e a consciência da nudez e a necessidade de recobrir o corpo seriam elementos fundamentais do tornar-se homem (Derrida, 2002, p. 17-18). Esta noção da nudez como elemento constitutivo do ser humano, tal como elaborada por Derrida, vai ao encontro da humanização de Pedro Vermelho. Em seu relato fica explícita a revolta que sente em relação às críticas ao seu hábito de exhibir a cicatriz em seu quadril.

Li recentemente, num artigo de algum dos dez mil cabeças-de-vento que se manifestam sobre mim nos jornais, que minha natureza de símio não está

totalmente reprimida; a prova disso é que, quando chegam visitas, eu tenho predileção em despir as calças para mostrar o lugar onde aquele tiro acertou. Deviam arrancar um a um os dedinhos da mão do sujeito que escreveu isso. (Kafka, 1999, p. 560-566)

Na passagem, marcada mesmo por um apelo à violência, o costume de Pedro revelaria um lado animal ainda presente na personagem, pois sua não-pudicícia deporia contra sua humanidade adquirida. Derrida (*Ibidem*) salienta a diferença entre o estar e o ser nu que separa homens e animais. O animal é nu justamente porque não tem consciência de sua nudez, permanecendo alheio ao pudor e ao impudor e ficando mesmo fora da nudez. O homem, em contrapartida, *está* na nudez pois tem conhecimento dela, coloca-se na nudez por saber-se nu. “O animal estaria *na* não-nudez porque nu, e o homem *na* nudez precisamente lá onde não é mais nu” (Derrida, 2002, p. 18). O impudor de Pedro, o abaixar as calças e o exhibir de seu quadril, tal como um emergir da animalidade do ex-símio, revela uma relação com a nudez não característica do homem, onde a exibição do corpo não é reprimida pela vergonha.

Mas não é apenas a questão da nudez que põe em vista o lado animal do macaco humanizado. Há uma passagem marcante no final do conto onde Pedro fala do desconforto que sente perante o olhar da chimpanzé com a qual passa suas noites.

Se chego em casa tarde da noite, vindo de banquetes, sociedades científicas, reuniões agradáveis, está me esperando uma pequena chimpanzé semi-amestrada e eu me permito passar bem com ela à maneira dos macacos. Durante o dia não quero vê-la; pois ela tem no olhar a loucura do perturbado animal amestrado; isso só eu reconheço e não consigo suportar. (Kafka, 1999, l. 672-678)

Podemos nos indagar sobre o que motiva essa aflição advinda do olhar da chimpanzé. No trecho citado, chama a atenção a afirmação de Pedro de que apenas ele é capaz de perceber a “loucura do perturbado animal amestrado”. O que há nesse olhar insuportável para Pedro? O que motiva essa angústia? Essa passagem remete ao olhar de Derrida para sua gata ao ser flagrado nu em seu banheiro. Neste olhar e ser olhado pelo animal se vê o limite do humano, o além de uma fronteira.

Como todo olhar sem fundo, como os olhos do outro, esse olhar dito “animal” me dá a ver o limite abissal do humano: o inumano ou o a-humano, os fins do homem, ou seja, a passagem das fronteiras a partir da qual o homem ousa se

anunciar a si mesmo, chamando-se assim pelo nome que ele acredita se dar.
(Derrida, 2002, p. 31)

Essa crise oriunda do olhar animal relatada por Derrida nos traz de volta ao conto e nos leva a refletir sobre olhar de Pedro e da chimpanzé. No conto não se trata apenas do olhar do animal, mas especificamente do olhar do animal amestrado, onde existe uma loucura insuportável. É difícil não lembrar a hipótese de que neste olhar para o Outro existe também um olhar para si mesmo. A aflição de Pedro advinda do olhar da chimpanzé vem, sob essa perspectiva, da percepção que neste Outro também há algo dele mesmo, pois, no fim das contas, não é Pedro, assim como a chimpanzé, um animal amestrado? Não esqueçamos que é o próprio ex-símio, ao falar da jaula onde outrora ficava preso, quem reconhece as vantagens do torturante confinamento na adestração dos animais: “Consideravam vantajoso esse tipo de confinamento de animais selvagens nos primeiros tempos e hoje, pela minha experiência, não posso negar que seja assim do ponto de vista humano” (Kafka, 1999, l. 572). Dessa perspectiva, o olhar desse Outro animal traz à tona o passado de Pedro, o faz reconhecer o animal em si e perceber que, a despeito de ter atingido o nível de “um europeu médio”, no fim das contas não é diferente da chimpanzé.

Tanto Pedro quanto Gregor se encontrariam, assim, em uma espécie de limiar onde o humano e o animal não estão rigidamente separados. A humanidade encontrada no inseto e a animalidade ainda presente no macaco que se humanizou seriam demonstrações disso. Nestes dois textos de Kafka, no entanto, a questão animal não se resume na diluição da fronteira que separa o humano do animal. Neles as figuras animais são também um meio pelo qual se faz uma crítica incisiva ao próprio conceito de humanidade.

Apesar de seu título no singular, *A Metamorfose* trata apenas da transformação de Gregor em inseto. Tão importante quanto ela é a transformação que se dá na relação de Gregor com sua família, e que está diretamente ligada à sua nova condição animal. São poucos os momentos em que a vida pregressa de Gregor é apresentada na novela, mas ainda assim são suficientes para termos uma visão clara dessa mudança drástica. Não se pode perder de vista que antes da metamorfose Gregor era o pilar econômico da família e que, mesmo a contragosto, atuava como caixeiro viajante para quitar a dívida contraída com a falência do antigo negócio do pai. Com a metamorfose, essa dinâmica é alterada e os papéis se invertem: impossibilitado de manter seu antigo emprego, Gregor passa os dias recluso em seu quarto; em contrapartida, o pai e a irmã se vêem obrigados a trabalhar para manter a família. É a partir dessa mudança de paradigma que se dá o

processo de desumanização de Gregor por parte de sua família, pois a barreira imposta pela figura animal da qual fala Schwarz está intimamente ligada à questão da exploração do trabalho de Gregor presente no texto. Nem mesmo seus atos passados servem como incentivo para seu acolhimento, pois não há por parte da família reconhecimento pelo seu sacrifício. “Tanto a família como Gregor acostumaram-se a isso: aceitava-se com gratidão o dinheiro, ele o entregava com prazer, mas disso não resultou mais nenhum calor especial” (Kafka, 1997, p. 41-42). O valor de um ser humano está ligado a sua utilidade? O afeto só é recíproco quando o outro pode dar algo em troca? Estas e outras questões são impostas pela figura do inseto. Cabe aqui também lembrarmos o apontamento de Carone (2009, p. 23) sobre esta relação parasitária que se dá entre Gregor e sua família. Se, para ela, Gregor se torna um estorvo por não mais ser um provedor, não se pode esquecer que era esta mesma família que também parasitava o trabalho de Gregor quando este ainda era humano. O que melhor explicita este fato é o momento da novela em que Gregor descobre que o pai possuía economias guardadas, o que significa que seu sacrifício no trabalho para pagar a dívida do pai não era tão necessário quanto pensava. Nesta inversão de papéis decorrente das metamorfoses – a de Gregor e a da família –, o parasitado torna-se parasita, e com isso o filho e irmão amado desaparece para restar apenas o animal. Essa questão nos faz pensar se, a despeito de sua nova forma de inseto, o destino de Gregor não seria diferente se pudesse continuar a ser o provedor dos Samsa. A negação da humanidade de Gregor culmina, ironicamente, nas palavras da irmã, que de início parecia ser a que mais mantinha apego a ele.

– Queridos pais [...] assim não pode continuar. Se vocês acaso não compreendem, eu compreendo. Não quero pronunciar o nome do meu irmão diante desse monstro e por isso digo apenas o seguinte: precisamos nos livrar dele. [...] Precisamos tentar nos livrar *disso*. (Kafka, 1997, p. 74,75, grifo do autor)

Assim se dá, nos dizeres de Carone (2009, p. 25), a passagem do “ele” para o “isso”. Reduzido unicamente a um animal que apenas traz problemas para a família, Gregor não é para eles digno sequer do próprio nome e finalmente é expressa a necessidade de descartá-lo. O uso do pronome “isso” exprime negação da condição humana de Gregor; o irmão dá lugar ao monstro, à coisa que deve ser extirpada do seio da família e da sociedade. Gregor é mais desumanizado pela repulsa e desprezo da família do que pela metamorfose em animal. Ou ainda, é justamente a transformação em animal que escancara a desumanização de Gregor pela família que o cerca, pois o afeto que tinham a Gregor só existe enquanto ele atua como provedor, e pode-

se até pôr em dúvida a veracidade desse afeto mesmo antes de sua metamorfose.

Enquanto a transformação de Gregor em inseto se dá da noite para o dia, sem que uma explicação para ela seja apresentada, a humanização de Pedro se dá, segundo as palavras de Rodrigues (2018, p. 47), pela “pedagogia do chicote”, que a cada ato de violência insere-o mais no mundo dos homens. Mas esta violência não se limita apenas a seu processo de humanização. Pelo contrário, ela perpassa toda a trajetória de Pedro que vamos descobrindo ao longo do relato. Desde os tiros com os quais é capturado até o seu período de cárcere na pequena jaula que o obrigava a permanecer sempre curvado e lhe perfurava as costas, a violência é uma constante em sua vida após o contato com os humanos. A própria singularização de Pedro é baseada na violência, como aponta Rodrigues (2018, p. 49), pois é a cicatriz vermelha em seu rosto oriunda do tiro que recebeu ao ser capturado que lhe renderá o nome pelo qual é conhecido e o diferenciará dos outros de sua espécie. A grande questão da violência no “Relatório...”, porém, é o fato de que ela é o meio pelo qual Pedro adentra no mundo humano. Segundo o dicionário *online* Aulete, a palavra “humanizado” define-se por aquilo que adquiriu condição humana, podendo também referir-se ao que é benévolo. Em sentido oposto, “animalesco” trata daquilo que é próprio do animal, também designando aquilo que é cruel ou brutal. O *Dicionário de Língua portuguesa* da Porto Editora apresenta definições semelhantes: “humanizado” é aquilo que se tornou mais humano e compreensivo, tendo como antônimos as palavras “cruel”, “desumano” “malévolo”; “animalesco” é aquilo relativo ao animal, significando também, em sentido figurado, algo que é brutal ou grosseiro. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antonio Geraldo da Cunha, por sua vez, aponta que o termo “humano” designa não só aquilo que é relativo ao humano como também ao que é bondoso. O verbete “animal”, no mesmo dicionário, define um ser vivo dotado de sensibilidade e movimento ou, em oposição aos homens, um ser irracional. Não se trata aqui, obviamente, de nos apegarmos ao sentido coloquial que estas palavras possuem ou que adquiriram ao longo do tempo, mas apenas ressaltar o fato de que intrínseco a elas existe um juízo de valor, onde aquilo que é relativo ao humano é considerado positivo, e o relativo ao animal, negativo. O relato de Pedro Vermelho subverte essa noção ao demonstrar toda a brutalidade que não só motiva como também serve como meio para seu processo de humanização. Pois a aprendizagem de Pedro é efetivamente uma tortura. A violência aqui se confunde com uma espécie de processo civilizatório do animal. Sobre esta crítica à noção de humanização e civilização, Rodrigues elabora uma interessante leitura acerca de uma possível denúncia do conto kafkiano à exploração europeia sobre suas colônias e à

pretensa missão civilizatória dos europeus para com os chamados povos selvagens. O autor recupera alguns elementos históricos como a vida de Carl Hagenbeck, especialista na captura de animais selvagens e criador de novos modelos zoológicos; a existência de uma Costa do Ouro, que foi explorada por alguns países europeus, onde hoje está Gana; e o documento *Golden Coast*, elaborado pelo Ministério de Relações Exteriores britânico em ocasião da Conferência de Paz (Rodrigues, 2018, p. 48-49). Sobre a relação entre estes elementos históricos e o conto kafkiano, Rodrigues afirma o seguinte:

Para mim, Kafka denuncia um processo de constituição do ser humano que é profundamente cruel. Esse ponto de vista de um gesto atroz realizado com o corpo de Pedro Vermelho é por Kafka fixado, para, assim, revelar o quão descabido é tomar por modelo o processo de humanização de povos sobre outros povos. (Rodrigues, 2018, p. 51)

Enquanto em *A Metamorfose* o animal expõe a desumanização ao escancarar o parasitismo da família Samsa e sua repulsa pelo filho que não tem mais serventia, o “Relatório...” faz com que um animal demonstre através de sua metamorfose que o homem tem muito pouco de humano. “Se a transformação em ser humano é a única saída, e ela é brutal, ela também permite revelar uma condição estrutural da humanidade” (Rodrigues, 2018, p. 51). Pedro Vermelho, assim, põe em cheque a pretensa benevolência daquilo que é humano ao fazer de si mesmo um monumento da violência e da brutalidade de que a humanidade é capaz. Sua humanização à base do chicote expõe a barbárie que se esconde por detrás destes processos ditos humanizadores e civilizatórios, pois não se pode perder de vista que foi sob pretextos civilizatórios que foram realizadas algumas das maiores atrocidades de nossa história, como a ocupação colonial em territórios de Ásia e África pelas potências imperialistas nos séculos XIX e XX, por exemplo, onde foram postas em prática não somente a exploração como também, em alguns casos, até mesmo o genocídio das populações nativas.

Esta humanização pela repressão é analisada por Seligmann-Silva em um texto onde o autor assume a voz do próprio Pedro Vermelho para analisar o conto kafkiano. Aproximando o escritor tcheco de Freud, ele relaciona o processo de humanização de Pedro com a aculturação humana: “[...] como Freud, ele [Pedro Vermelho] sabe que só nos tornamos homens graças à nossa capacidade de moldar nossos corpos às grades de uma prisão, como ele mesmo fez quando foi capturado” (Seligmann-Silva, 2010, p. 218). Se no “Relatório...” a liberdade não é uma opção, o mesmo se dá em Freud. Sua análise sobre a influência da repressão decorrente do processo civilizatório sobre a humanidade não apresenta alternativas visando uma libertação. Ainda

assim, a noção de civilização apontada por Freud possibilita caminhos de leitura para o conto kafkiano. Nessa perspectiva, tal como indica Seligmann-Silva, a desumana violência – e até mesmo a autoviolência – à qual Pedro foi submetido se torna, ironicamente, um instrumento para sua humanização. “Fiscaliza-se a si mesmo com o chicote; à menor resistência flagela-se a própria carne” (Kafka, 1999, l. 659-665). Se a liberdade não é uma opção, posta de lado desde o início, a submissão à violência como caminho de entrada no mundo humano se concretiza como saída possível, saída do cárcere e da própria violência, pois Pedro Vermelho, como bem afirma Rodrigues (2018, p. 53), “[...] aprendeu a ser humano para sobreviver ao próprio homem”.

Se é certo, como o quer Seligmann-Silva (2010, p. 205), que Kafka falou de animais para “pensar melhor no próprio animal-humano”, a figura animal se apresentaria então como um espaço privilegiado tanto para o conhecimento quanto para o reconhecimento. Nos textos que aqui abordamos, as categorias de humano e animal se confundem, e falar de um é também falar do outro, tratando-se, desse modo, de uma via de mão dupla onde o humano se vê no animal e o animal se vê no humano. O inseto e o macaco, no entanto, são também questionadores, impondo uma crítica às bases sobre as quais a humanidade diz se erigir. O lado humano do homem é posto em cheque justamente quando o animal se introduz na cena, ou mais precisamente, quando o animal já não se separa do homem. Ao diluir as fronteiras que dividem esses domínios, Kafka pôde demonstrar a humanidade presente no animal e a animalidade presente no humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARONE, M. (2009). *Lição de Kafka*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DERRIDA, J. (2002). *O animal que logo sou (A seguir)*. (tr. de F. Landa). São Paulo: Ed. Unesp. (Publicado originalmente em 1999)
- IZABEL, T. A. F. (2018) *Franz Kafka e Walter Benjamin: contar do tempo interrompido* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- KAFKA, F. (1997). *A Metamorfose*. (tr. de M. Carone). São Paulo: Companhia da Letras.
- _____. (1999). “Um relatório para uma academia”. In *idem, Um médico rural*. (tr. de M. Carone). São Paulo: Companhia das Letras. E-Book.
- RODRIGUES, P. B. (2018). *Franz Kafka: metamorfoses da liberdade e submissão* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro).

SCHWARZ, R. (1981). “Uma barata é uma barata é uma barata”. In *idem*, *A Sereia e o desconfiado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SELIGMANN-SILVA, M. (2010). “Mal-estar na cultura: corpo e animalidade em Kafka, Freud e Coetzee”. *Alea: estudos neolatinos*, 12 (2), 205-222.